Resenha

Resenha do livro "O Brasil Republicano (vol.5). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016)"

Duwe, Ricardo

Ricardo Duwe
ricardoduwe@hotmail.com
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC., Brazil

FERREIRA Jorge, DELGADO Lucilia de Almeida Neves. O Brasil Republicano (vol.5). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 2018. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira

Percursos
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
ISSN-e: 1984-7246
Periodicidade: Cuatrimestral
vol. 20, núm. 42, 2019
revistapercursos.faed@udesc.br

Recepção: 04 Abril 2019
Aprovação: 07 Junho 2019

URL: http://portal.amelica.org/ameli/journal/815/8154546020/

Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Não Derivada 4.0 Internacional.

É inegável que a História do Tempo Presente desponta como um dos campos que mais cresce na historiografia brasileira desde a última década. Ao contar com objetos de pesquisa até então poucos explorados e ao propor instigantes debates em torno da função social do historiador, esse campo vive um momento de intensa produção intelectual. Na sua busca por encontrar um espaço particular dentro de um campo historiográfico nacional já demarcado por correntes consolidadas, como a História Política, a História Cultural e a História Social, a História do Tempo Presente aparenta estar conquistando grande receptividade, tanto entre historiadores e historiadoras de gerações mais recentes, como entre nomes já consagrados da área que buscam tecer diálogos com essa vertente.

No caso deste novo volume da coleção **O Brasil Republicano**, intitulado **O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016**, organizado por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado, é possível considerar que o mesmo caminha ao encontro de importantes objetivos da História do Tempo Presente, na medida em que os seus textos visam discutir temas candentes do Brasil Contemporâneo. Ademais, considero apropriado definir que a obra está estruturada a partir de dois objetivos deveras legítimos e muito bem-vindos ao campo da historiografia.

O primeiro objetivo diz respeito ao projeto no qual a obra está inserida, sendo este o de atualizar a já clássica coleção **O Brasil Republicano**. Publicada originalmente no ano de 2003 em 4 volumes (*O tempo do liberalismo excludente, O tempo do nacional-estatismo, O tempo da experiência democrática . O tempo da ditadura*), a coleção foi reestruturada para uma nova publicação no ano de 2018. Contando com um elenco plural de historiadores e profissionais de outras áreas das Ciências Humanas, bem como com textos escritos por especialistas nos seus respectivos temas, a coleção ganhou notoriedade no início do século e passou a ocupar um posto de destaque nas bibliografias dos cursos de graduação e pós-graduação em História por todo o país.

Nesta nova versão, todos os quatro volumes já conhecidos pelo público tiveram os seus capítulos revisitados por autores e autoras, tendo sido adicionado em cada volume um capítulo sobre política externa brasileira. Comentando sobre esse processo de revisão da coleção e justificando a escrita de um novo volume, os organizadores afirmam: "para que a atualização da coleção ficasse mais abrangente, considerando, inclusive, a crescente aceitação de pesquisas e estudos sobre o tempo presente, decidimos publicar o quinto volume que trata da Nova República (1985-2016)" (FERREIRA, DELGADO, 2018, p. 9).

O segundo objetivo da obra está diretamente relacionado com um dos aspectos mais caros para a História do Tempo Presente: refletir acerca da função que o historiador desempenha como um intelectual no espaço público. Segundo um dos maiores artífices desse campo, o historiador francês Henry Rousso, os estudos da História do Tempo Presente são caracterizados pelas suas implicações políticas e têm como principais elementos: "a proximidade e o peso dos assuntos estudados na consciência coletiva" e "a importância da demanda social, que recoloca o historiador em seu papel cívico ou em sua função social, seja esse papel aceito, desejado ou imposto" (ROUSSO, 2007).

Nesse sentido, o quinto volume da coleção **O Brasil Republicano** não se furta de tomar uma posição no cenário político atual. Em seu texto de apresentação, os organizadores enfatizam que o conjunto de historiadores, sociólogos, cientistas políticos, economistas, comunicólogos e literatos que contribuíram com esse volume visou discutir "os processos políticos, econômicos, sociais e culturais do período iniciado em 1985 até o esgotamento da Nova República com o golpe de Estado de 2016" (FERREIRA, DELGADO, 2018,p. 10).

Partindo do entendimento de que o processo político que levou ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016, foi um golpe de Estado e, propondo a interpretação de que tal evento definiu o *esgotamento da Nova República*, a obra em questão apresenta ao público uma proposta de periodização da história brasileira recente, cujo sentido não pode ser dissociado das *implicações políticas* destacadas por Rousso. Portanto, o quinto volume de **O Brasil Republicano** pode ser lido como uma espécie de manifesto desse

grupo de historiadores/as e intelectuais brasileiros/as pela defesa do seu papel cívico de discutir o nosso tempo presente.

Estruturada no formato de coletânea, a obra conta com 13 capítulos que abordam temas diversos, como: o desenvolvimento da História do Tempo Presente no Brasil; os governos da Nova República – da transição democrática aos governos do Partido dos Trabalhadores; a conturbada eleição presidencial de 1989; os impactos do neoliberalismo no campo da política macroeconômica brasileira e no mundo do trabalho; as diferentes propostas de política externa desde o governo Sarney; a história do Movimento dos Sem Terra e da luta pela cidadania no Brasil pós-ditadura; e as diversas formas de manifestação artística durante a experiência da Nova República. É válido destacar que os temas são abordados com a qualidade que se tornou padrão na coleção, conciliando o necessário rigor acadêmico com uma escrita agradável ao grande público.

Com poucas exceções, a obra reúne um conjunto de textos de cárater bastante descritivo em relação aos seus temas. Longe de denotar um demérito, tal formato é justificável devido ao objetivo de atribuir ao conhecimento histórico uma roupagem mais apropriada para um público não especializado, ou mesmo para discentes dos cursos de graduação ainda pouco familiarizados com debates teóricos mais densos. Porém, tendo em vista a apresentação do livro, se coloca como válido o debate se esta seria uma obra *de* História do Tempo Presente ou *sobre* o Tempo Presente da sociedade brasileira pós-1985.

Buscando aprofundar um pouco mais este tópico, considero pertinente questionar: o que os historiadores fazem quando produzem História do Tempo Presente? O salutar crescimento de publicações inseridas no campo da História do Tempo Presente no Brasil – sendo o caso da obra aqui resenhada um exemplo – parece indicar algumas respostas para tal pergunta: elas refletem acerca da sua própria temporalidade de forma crítica e histórica, colocam no cerne de suas preocupações a atuação cívica da profissão, além de, na bela definição de Jean-Pierre Rioux, aliviam pouco a pouco o presente do seu autismo histórico[1].

Entretanto, considero apropriado que pesquisadores dessa vertente historiográfica se questionem cada vez mais a respeito de *como* os historiadores podem produzir História do Tempo Presente. Vejo nesse debate um profícuo exercício não somente para a própria corrente historiográfica em questão, mas também para todo o campo historiográfico, pois permite que historiadores e historiadoras reflitam se é possível considerar que a História do Tempo Presente já desenvolveu aportes teóricos e metodológicos que lhe garantam contornos próprios, ou ainda se vale, em grande medida, de ferramentais teóricos construídos por outras correntes historiográficas e disciplinas das Ciências Humanas (em especial, oriundos da Antropologia e Sociologia).

Ao menos no caso brasileiro, em diversas situações, parece ser mais apropriado afirmar que determinadas pesquisas seriam melhor definidas como uma *História Cultural do Tempo Presente*, ou uma *História Social do Tempo Presente*, uma *História Política do Tempo Presente*, uma *História Marxista do Tempo Presente* etc. Ou seja, o emprego da ideia de *tempo presente* não estaria necessariamente relacionado com um conjunto de aportes teórico-metodológicos diferenciados e bem definidos para a pesquisa histórica a ponto de compor um ferramental próprio de análise, mas sim caminharia ao encontro da definição mais abrangente de Carlos Fico, ao considerar que uma marca desses estudos é a possibilidade de pesquisador, objeto de pesquisa e público leitor estarem "mergulhados em uma mesma temporalidade, que, por assim dizer, não terminou" (FICO, 2012, p. 44-45). O ponto que julgo válido ser melhor aprofundado em futuras debates é: seria o fator da temporalidade comum entre pesquisador, objeto de pesquisa e público leitor suficiente para garantir os fundamentos de um novo campo dentro da História?

Não existem respostas definitivas e acabadas para o conjunto de questionamentos aqui levantados, nem mesmo se o lançarmos para as correntes historiográficas mais longevas. Entretanto, o aprofundamento das reflexões em torno dos limites e possibilidades da História do Tempo Presente me parece um exercício intelectual necessário e deveras profícuo. Nesse sentido, a obra **O Brasil Republicano: o tempo da Nova República** demonstra que os caminhos para o desenvolvimento da área não somente estão abertos em possibilidades, mas estão sendo trilhados de formas criativas e com grande competência.

Referências

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano (vol.5). O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FICO, Carlos. História do tempo presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis. O caso brasileiro. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p. 43-59, junho, 2012.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do tempo presente? *In:* CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do tempo presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 39-50.

ROUSSO, Henry. A história do tempo presente, vinte anos depois. *In*: PÔRTO JÚNIOR, Gilson (Org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 277-296.

Notas

[1] "Um vibrato do inacabado que anima repentinamente todo um passado, um presente pouco a pouco aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas: é um pouco isto, a história do presente" (RIOUX, 1999, p. 50).